

A RACIONALIDADE EM BENEDICTUS DE SPINOZA

Renata de Oliveira Silva*

Resumo: O filósofo holandês Benedictus de Spinoza (1632-1677), na obra *Ética*, trata de temas como imanência, ontologia e epistemologia. O objetivo deste artigo é analisar a racionalidade (conhecimento) na *Ética*, para responder a esta questão: Como podemos ser mais ativos e menos passivos? E como a racionalidade pode participar desse processo? Feito isso, podemos considerar que a racionalidade, concebida de um ponto de vista ético e epistemológico, pode guiar o ser humano para um caminho mais ativo.

Palavras-Chave: Spinoza. *Ética*. Racionalidade.

THE RATIONALITY IN BENEDICTUS OF SPINOZA

Abstract: The Dutch philosopher Benedictus of Spinoza (1632-1677), in the work *Ethics*, deals with themes such as immanence, ontology and epistemology. The purpose of this article is to analyze the rationality (knowledge) in *Ethics* and so answer the following questions: How can we be more active and less passive? And how can rationality appear in this process? After that, we can consider that rationality can guide the human being towards a more active path, conceived from an ethical and epistemological point of view.

Keywords: Spinoza. Ethic. Rationality.

INTRODUÇÃO

Este estudo se inicia com uma introdução da composição interna da obra *Ética*, bem como de uma breve visão geral da natureza humana e sua condição descrita na obra. E em seguida, demonstraremos os principais conceitos para analisarmos a racionalidade na *Ética*, tais como, imanência; corpo; mente; teoria dos afetos; os três gêneros de conhecimento, a saber, a imaginação, a razão e a intuição; e o que se desenvolve desses conceitos.

* Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E bolsista-CAPES do programa de pós-graduação em *Ética* e Filosofia Política pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do GT- Benedictus de Spinoza (UECE). E-mail: renatalvr03@gmail.com.

Na *Opera Posthuma* (1667), temos uma obra, a saber, a *Ética* demonstrada segundo a ordem geométrica (*Ethica ordine geometrico demonstrata*)³²⁵. Ela está dividida em cinco partes: a primeira parte é intitulada *De Deus*; a segunda *A natureza e a origem da mente*; a terceira *A origem e a natureza dos afetos*; a quarta *A servidão humana ou a força dos afetos*; e a quinta parte, *A potência do intelecto ou a liberdade humana*.

Conforme está descrito na *Ética*, o ser humano é um modo finito de Deus³²⁶, por ser um modo finito, ele é também concebido por outras coisas por meio das quais sofre afecções³²⁷, conseqüentemente é constituído por afetos³²⁸ que podem ser alegres ou tristes e dos quais a “sua potência³²⁹ de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo as ideias dessas afecções” (EIIIDef.3). Assim, “quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão” (EIIIDef3.Expl). As ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas³³⁰, enquanto as paixões dependem das ideias inadequadas³³¹ (EIIP3). Logo, “a essência da mente é constituída de ideias adequadas e

³²⁵ Utilizaremos a *Ética* edição bilíngue Latim-Português de Tomaz Tadeu, Editora Autêntica, 2010. E seguiremos com as seguintes abreviaturas: com algarismos romanos para indicar *Ética* e suas partes (EI, EII, EIII, EIV e EV). E algarismos arábicos para indicar Prefácio (Pref), Axiomas (A.), Definição (Def), Proposição (P), Demonstração (Dem), Escólio (S), Corolário (C), Apêndice (Apên), Postulados (Post), Lemas (L) e Explicação (Expl) e capítulo (Cap) com seus respectivos números.

³²⁶ Deus, segundo Spinoza é: “o ente absolutamente infinito, isto é, a substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (EIDef6).

³²⁷ Deleuze nos diz que a palavra afecção (*affectio*) implica em “uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro que vai acolher a marca do primeiro. Toda mistura de corpos será chamada afecção.” (DELEUZE, 2009, p. 26).

³²⁸ Para Spinoza, afeto (*affectus*) é a ideia de uma afecção do corpo (EVP4C). Os afetos desejo, alegria e tristeza são denominados por Spinoza como afetos primários, porque deles é que nascem todos os outros afetos.

³²⁹ Segundo Spinoza, potência (*potentia*) é a essência atual de uma coisa, que significa o esforço, isto é, o (*conatus*) pelo qual cada coisa se esforça por perseverar no seu ser (EIIP7). A potência da mente é pensar, e do corpo é agir. Portanto, “a potência do homem é a sua razão”. (EIVApên.3).

³³⁰ Segundo Deleuze: “O termo ‘adequado’, em Espinosa, nunca significa a correspondência da ideia com o objeto que ela representa ou designa, mas a conveniência interna da ideia com alguma coisa que ela exprime”. (Deleuze, 2017, p.144). Aqui Deleuze refere-se à ideia adequada, ela é então, expressiva. O que ela exprime? Ele conclui que a ideia adequada exprime sua própria causa: “a ideia adequada é precisamente a ideia que exprime sua própria causa.” Isto fica ainda mais evidente pelo axioma 3 da EII: “O conhecimento do efeito depende do conhecimento da causa e envolve este último” (EIIA3). E também “por ideia adequada entendo uma ideia que, enquanto considerada em si e sem relação com um objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira” (EIIDef.4). Portanto, uma ideia é adequada porque ela exprime o conhecimento da causa, a essência da coisa.

³³¹ Segundo Spinoza, uma ideia é chamada de inadequada quando ela é confusa e mutilada, ao contrário da ideia adequada, ela não é clara nem distinta e provém das imagens que temos das coisas (afecções).

inadequadas” (EIIIP9Dem). A ideia adequada está ligada a causa adequada e, a ideia inadequada a causa inadequada³³². Como Spinoza argumenta: “Disso se segue que quanto mais ideias inadequadas a mente tem, tanto maior é o número de paixões a que é submetida; e, contrariamente, quanto mais ideias adequadas tem, tanto mais ela age.” (EIIIP1C). Por um lado, o homem tem ideias inadequadas, e está sujeito a paixões, e por isso, pode padecer, por outro lado, o homem tem ideias adequadas, e pode agir através de seu *conatus* para perseverar na existência, que é a sua própria essência atual:

O esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser nada mais é do que a sua essência atual. Da essência dada de uma coisa qualquer seguem-se necessariamente certas consequências (pela prop.36 da P.1). Além disso, as coisas não podem fazer senão aquilo que necessariamente se segue de sua natureza determinada (pela Prop.29 da P.1). Por isso, a potência de uma coisa qualquer, ou seja, o esforço pelo qual, quer sozinha, quer em conjunto com outras, ela age ou se esforça por agir, isto é (pela prop.6), a potência ou o esforço pelo qual ela se esforça por perseverar em seu ser, nada mais é do que sua essência dada ou atual. (SPINOZA, 2015, p. 105, EIIIP7Dem).

Em Spinoza, a mente é ideia do corpo, e o corpo é objeto da mente (EIIIP11). Tudo que acontece no corpo, por este ter o poder de afetar e de ser afetado de diversas maneiras, a mente tem o poder de perceber tudo aquilo que acontece nele por meio das ideias de afecções. É por meio dessas ideias de afecções (ideias inadequadas), que a mente conhece a si mesma, o seu corpo, e os corpos exteriores. Ou seja, a mente humana não conhece o próprio corpo humano, senão pelas ideias das afecções do corpo (E2P19), a mente não conhece a si própria, senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo (E2P23), e também somente por elas percebe os corpos exteriores (E2P26). E por isso, enquanto a mente tem as ideias de afecções, não tem de si própria (E2P29), nem de seu corpo (E2P27), nem dos corpos exteriores (E2P25) conhecimento adequado, mas apenas confuso e mutilado (E2P28).

Dessa maneira, em Spinoza, o ser humano é um ser passivo a pensamentos, afetos e ações de outros seres humanos, e nesse caso, não é agente de seus próprios pensamentos, afetos e ações. Na condição de servidão, o homem passivo, em meio as paixões, gera ideias inadequadas e conseqüentemente é causa inadequada de seus

³³² Spinoza compreende por causa adequada, aquela cujo efeito pode ser percebido claro e distintamente por ela mesma; e causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só (EIIIDef.1).

pensamentos e de suas ações, ou seja, ele é menos livre do que ele poderia ser. Com isso, iremos responder duas questões: como podemos conceber as ideias adequadas para sermos causas adequadas, isto é, mais ativos? E como a racionalidade pode participar desse processo?

A IMANÊNCIA SPINOZANA

Para conceber o significado de imanência em Spinoza, temos que compreender a estrutura ontológica na primeira parte da *Ética*. É composta por Deus (Substância), atributos e modos. A Substância é aquilo que é a causa de si mesma e de todas as coisas singulares. Os atributos são aquilo que exprime a essência da Substância. Apesar de Deus ter infinitos atributos infinitos, pois eles não só são infinitos em número, mas também em gênero. Esses atributos em sua totalidade fazem a essência infinita de Deus. O homem só pode conhecer dois, o Pensamento e a Extensão. Os modos são as afecções da Substância.

Os atributos, Pensamento e Extensão, exprimem a essência eterna e infinita de Deus. Com efeito, Deus é uma coisa pensante (EIIP1) e extensa (EIIP2). Para Spinoza, não existe duas substâncias, como pensou René Descartes (1596-1650), a pensante e a extensa (*res cogitans e res extensa*), “[...] embora dois atributos sejam concebidos realmente distintos, isto é, um sem a ajuda do outro, não podemos daí concluir, porém, que eles constituem dois entes, ou seja, duas substâncias diversas” (E1P10S). A Substância é única, pois ela é Deus que é causa de si e das coisas singulares. Deus em Spinoza é a causa imanente de todas as coisas, e não transitiva (EIP18)³³³. Ele é a própria natureza, *Deus sive natura*³³⁴, enquanto necessidade e potência não uma potência qualquer, mas uma “potência infinita”, a de Deus.

³³³ Deus imanente, quer dizer, que Ele é causa da concepção e da existência de tudo o que Nele existe, ao contrário do que pregava a tradição teológica cristã, de um Deus transcendente, isto é, de um Deus que cria as coisas a partir do nada e segundo o seu livre beneplácito. Portanto, “é da necessidade da natureza divina que devem seguir infinitas coisas em infinitos modos (isto é, tudo que pode cair sob o intelecto infinito)” (E1P16).

³³⁴ Deus, ou seja, a natureza.

Os modos são infinitos mediatos e imediatos e são também finitos³³⁵, todos esses modos são as afecções da Substância única. Mente e corpo são modos finitos de Deus, logo o homem é um modo finito de Deus determinado por Ele a operar de certa maneira. Desse modo, o ser humano não tem livre-arbítrio para fazer aquilo que ele tem vontade, mas apenas potência para fazer aquilo que ele pode. Só Deus é livre, pois só Deus age sem ser constrangido por ninguém³³⁶. Contudo, Deus não tem livre vontade, porque se Deus tivesse livre vontade e produzisse o que ele quisesse, Deus não seria Deus, pois Spinoza entende vontade como carência, isto é, como falta, e Deus não tem necessidade de algo, ele é absoluto e produz necessariamente. A realidade ontológica spinozana é assim compreendida a partir daquilo que é em si (*in se*), a substância e seus atributos, ou em outro (*in alio*), os modos. (EIA1).

Sendo assim, a imanência, do ponto de vista ontológico, equivale ao conhecimento de inseparabilidade, entre Deus, atributos e modos, isto é, não há separação do uno com o múltiplo, como existe na teoria da transcendência. Tudo que existe está em Deus e não há nada fora dele, pois:

Tudo o que existe ou existe em si mesmo ou em outra coisa (pelo ax. 1), isto é (pelas def. 3 e 5), não existe nada, fora do intelecto, além das substâncias e suas afecções. Não existe nada, pois, fora do intelecto, pelo qual se possam distinguir várias coisas entre si, a não ser as substâncias ou, o que é o mesmo (pela def. 4), seus atributos e suas afecções. C. Q. D. (EIP4Dem).

Isso significa que os atributos Pensamento e Extensão exprimem cada um por si, a realidade da Substância (EIP10), ou seja, a essência eterna e infinita de Deus. A mesma realidade é exprimida, seja sob o atributo Pensamento seja sob o atributo Extensão, pois eles pertencem à Substância única. Conforme acrescenta Marilena Chauí:

[...] o que um atributo realiza numa esfera de realidade é realizado de maneira diferente numa outra esfera por um outro atributo, e as atividades de

³³⁵ Não entraremos na discussão sobre a doutrina dos modos em Spinoza, pois é uma leitura complexa que nem mesmo o filósofo holandês explicou com mais clareza. Existe apenas especulações a respeito disso, feitas por alguns comentadores de Spinoza. Portanto, Cf. Lívio Teixeira, 2001, p.166. Cf. explicação da Chauí sobre os modos (*Espinosa: Uma filosofia da liberdade*, 1995, p. 51), sobre modos infinitos; e Deleuze (*Espinosa: filosofia prática*, 2002, p. 92), no Glossário da *Ética*, verbete sobre modo.

³³⁶ Segundo Spinoza: “Diz-se livre a coisa que existe exclusivamente pela necessidade de sua natureza e que por si só é determinada a agir. E diz-se, necessária, ou melhor coagida, aquela coisa que é determinada por outra a existir e a operar de maneira definida e determinada” (EIDef7).

ambos exprimem a mesma realidade sob perspectivas distintas porque são ações diferenciadas da mesma substância absolutamente complexa [...] (CHAUÍ, 2011, p. 71).

O CORPO NA EII

Na história da filosofia, Spinoza trouxe um novo olhar para o corpo em sua natureza extensiva, pois este, “por si só, em virtude exclusivamente de sua natureza, é capaz de muitas coisas que surpreendem a sua própria mente” (EIIIP2S). O filósofo holandês introduz uma reflexão sobre o que pode o corpo (EIIIP2S). Todavia, esse pensamento não é de valorização do corpo diante da mente, mas ele inicia com o corpo para criticar que ninguém nunca disse o que pode o corpo, se referindo “ao princípio tradicional em que se fundava a Moral como empreendimento de dominação das paixões pela consciência” (DELEUZE, 2002, p.24.). O que predominava era a superioridade da mente sobre o corpo. Assim, o autor da *Ética* não dá maior relevância ao corpo, pois, o que pode o corpo, é também o que pode a mente, ou seja, o que pode o ser humano, pois este é a totalidade, constituído de mente e de corpo. Pode o quê? O poder se refere à potência humana de perseverar na existência diante da passividade. Tal reflexão do que pode o corpo, trata-se de mostrar que “o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, e o pensamento não ultrapassa menos a consciência que dele temos” (DELEUZE, p.24, 2002).

O corpo, assim como a mente é autônomo, ele é tão apto quanto à mente em termos de potência e ainda é por meio de uma igualdade simultânea³³⁷, ou seja, se o corpo age, a mente age junto com ele, se ele padece, a mente padece simultaneamente com ele. Ao contrário do que se conhecia, da supremacia da mente sobre o corpo. Do que procede, Spinoza argumenta que corpo e mente tem a mesma potência na natureza, pois, os dois são concebidos por si mesmo, um sem ajuda do outro. Portanto, a relação

³³⁷ A relação mente e corpo era explicada pelo paralelismo, entretanto, paralelismo se tornou um termo antiquado, pois segundo Chantal Jaquet, na *A Unidade do Corpo e da Mente-afetos, ações e paixões em Espinosa*, (2015), “a doutrina do paralelismo não restitui a ideia de unidade presente na concepção espinosana, pois introduz uma forma de dualismo e de pluralidade irreduzíveis” (JAQUET, 2015, p. 26). Com essa justificativa, Jaquet emprega o mesmo termo que Spinoza utiliza na *Ética*, o de igualdade simultânea entre a potência da mente e do corpo. Trata-se do adjetivo em latim *aequalis* (igual) e do advérbio em latim *simul* (simultâneo), que Spinoza usa, quando se refere à potência de pensar da mente e à potência de agir do corpo como uma igualdade simultânea.

entre eles é de simultaneidade, visto que, no sistema spinozano tudo é determinado por Deus a existir e operar pela só necessidade de sua natureza e perfeição. Sendo assim, a mente se exprime pelo atributo Pensamento e o corpo pelo atributo Extensão. Com isso, Spinoza não afirma que há uma superioridade da mente sobre o corpo, tão pouco também que há uma superioridade do corpo sobre a mente.

O corpo não é apenas uma estrutura mecânica e física, tampouco é conhecido como a fonte do pecado, entre outros conceitos negativos acerca do corpo, como acabamos de mostrar. Ora, na EII (*A natureza e a origem da mente*), o corpo é uma coisa extensa que exprime de maneira certa e determinada a essência de Deus (EIIDef1). É um modo finito do atributo Extensão. O que é ser um modo finito do atributo Extensão? É ser resguardado de toda inferioridade diante da mente, o corpo é tão apto quanto à mente em termos de potência para fazer as coisas, conforme a determinação de sua natureza extensiva.

O corpo humano é definido como uma estrutura complexa composta de muitíssimos indivíduos (EIIPost1), e alguns são fluidos, outros moles e outros duros (EIIPost2). Pela pequena física que Spinoza tratou de demonstrar na EIIP13, compreende-se acerca dos corpos: todos os corpos estão ou em movimento ou em repouso (EIIA1), é por essas propriedades que eles se distinguem entre si (EIILema1) e estão em concordância, além disso, por envolverem o conceito de um só e mesmo atributo (extensão). (EIILema2Dem).

O corpo tem o poder de afetar e de ser afetado de múltiplas maneiras, e por isso, “um corpo em movimento ou em repouso, deve ter sido determinado ao movimento ou ao repouso por outro, e este último por outro, assim sucessivamente, até o infinito” (EIILema3). E assim segue:

Todas as maneiras pelas quais um corpo qualquer é afetado por outro seguem se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que o afeta. Assim, um só e mesmo corpo, em razão da diferença de natureza dos corpos que o movem, é movido de diferentes maneiras, e, inversamente, corpos diferentes são movidos de diferentes maneiras por um só e mesmo corpo. (EIILema3A1).

Por fim, o corpo é uma coisa singular³³⁸ existente em ato (EIIP11), que tem como causa Deus, não enquanto ele é infinito, mas enquanto considerado como afetado de outra ideia de uma coisa singular existente em ato, e assim sucessivamente, até o infinito (EIIP9). De tudo o que acontece no objeto singular de uma ideia existe o conhecimento em Deus, enquanto ele tem unicamente a ideia desse objeto (EIIP9C). Assim, as coisas singulares e as suas ideias estão compreendidas nos atributos de Deus (EIIP8C). E também enquanto se diz que duram (EIIP8Dem). O corpo, por sua vez, é objeto da ideia que constitui a mente humana (EIIP13), isso significa que a mente é atividade de pensá-lo, e o corpo é o objeto pensado por ela.

A MENTE NA EII

Quanto à natureza da mente humana, Spinoza se refere a ela como uma coisa pensante (EIIDef3), logo a mente pode formar ideias, porém, as ideias da mente não pertencem apenas a ela, já que elas podem ser inadequadas, quando são produzidas com a ajuda de outras mentes, portanto, não serão próprias de uma mente. A mente por ser um modo finito de Deus, é da natureza do modo finito ser determinado por outro. Sendo que as ideias também tem sua causa primeira, que é Deus (EIP16C3).

Desse modo o que, primeiramente, constitui o ser atual da mente humana é a ideia de uma coisa singular existente em ato (EIIP11), trata-se, portanto, do corpo humano (EIIP13). Essa ideia que constitui o ser formal da mente não é simples, mas composta de muitas ideias (EIIP15), das quais são adequadas e outras inadequadas. Como corpo e mente existem em Deus, tanto a ideia do corpo, quanto a ideia da mente, ou seja, a ideia da ideia, seguem-se necessariamente em Deus (EIIP21). Conseqüentemente, “a mente humana é uma parte do intelecto infinito de Deus” (EIIP12C).

³³⁸ Charles Ramond (2010) apresenta o significado de coisas singulares, como equivalente ao significado de indivíduo, sendo que, segundo o autor, “a concepção spinozana de indivíduo aproxima-se daquela do senso comum, pois os indivíduos são considerados como compostos, dotados de uma unidade de composições que permite distingui-los uns dos outros e garante sua permanência apesar das variações que possam intervir neles.” (ibid, 2010, p. 45).

A mente sendo ideia do corpo, tudo que se refere a ela é oriundo da natureza de seu objeto, ou seja, o corpo humano. Isso significa que na medida em que, o corpo é capaz simultaneamente de afetar e de ser afetado sobre um número maior de coisas, mais a sua mente é capaz de perceber simultaneamente um número maior de coisas, e quanto mais o corpo age sozinho e menos depende de outros corpos para agir, mais a sua mente é capaz de compreender distintamente. (EIIP13C).

Entretanto, enquanto a mente percebe as coisas na ordem comum da natureza, isto é, sendo passiva, não possuirá conhecimento adequado de si, de seu corpo e dos corpos exteriores. Neste sentido, o homem não tem livre-arbítrio, pois, ao tomar uma ação, esta ação pode ser limitada por outra de mesma natureza, ou seja, há limitação de um pensamento por outro, e de um corpo por outro (EIDef2), é assim até durar a existência dos modos finitos. Contudo, não tem limitação entre atributos de naturezas diferentes, ou seja, o pensamento não pode delimitar a extensão; nem a extensão pode delimitar o pensamento (EIDef2). Isso significa que o ser humano pode tomar suas próprias rédeas, na medida em que, pelo seu *conatus* (esforço) de perseverar na existência, pode ser menos passivo, isto é, menos influenciado pelas ideias e ações dos outros; e com a potência racional, pode selecionar os bons encontros e saber evitar os maus, considerando a sua condição determinada na natureza, do ponto de vista da passividade.

Por sua vez, o posicionamento spinozano sobre a potência humana instiga a compreensão dos afetos, ao invés de reprimi-los ou ignorá-los de nossas vidas. Os afetos são de nossa natureza humana e não podemos aniquilá-los de nossa existência. Todavia, vimos que há afetos passivos e ativos, portanto, Spinoza postula que devemos procurar os afetos ativos que aumenta a nossa potência de pensar e de agir; e evitar aqueles afetos passivos que diminuem a potência de pensar e de agir. A seguir, iremos fazer uma breve exposição da teoria spinozana dos afetos, e seus desdobramentos na análise dos gêneros de conhecimento. Com isso, compreenderemos, como o ser humano pode conseguir, na condição de passividade, produzir e ter bons encontros, e ainda evitar os maus encontros, pela sua potência racional.

OS AFETOS NA EIII

Neste artigo, já tivemos uma noção do que são os afetos em Spinoza, trata-se, portanto, das afecções no corpo e suas ideias na mente, pelas quais a potência de agir e de pensar é aumentada ou diminuída (EIIIDef.3). Todavia, quando podemos ser causa adequada dessas afecções, o afeto será uma ação; se formos causa inadequada, o afeto será uma paixão (EIIIDef3Expl).

Os afetos desejo, alegria e tristeza são primários e desses surgem os demais afetos. Sendo que, a alegria é a passagem humana de uma perfeição menor para uma maior (EIIIDef2dosafetos); e a tristeza é a passagem humana de uma perfeição maior para uma menor (EIIIDef3dosafetos).

No prefácio da EIII, Spinoza já inicia dizendo que os afetos, tanto os passivos, quanto os ativos, fazem parte da natureza humana, uma vez que, o corpo pode afetar e ser afetado de diversas maneiras, assim como, a mente pode perceber as afecções de seu corpo de diversas maneiras. E é por isso, que não temos o poder absoluto sobre as paixões. À vista disso, Spinoza se dedica a compreender os afetos humanos, pois, além do mais, a tradição anterior fazia julgamentos moralistas acerca dos afetos e das ações humanas. Assim, Spinoza argumenta: “Quero, agora, voltar àqueles que, em vez de compreender, preferem abominar ou ridicularizar os afetos e as ações dos homens” (EIIIPref).

Longe de ser uma oposição à razão, os afetos concebidos por Spinoza são equiparados às outras coisas singulares na natureza, pois eles “seguem-se da mesma necessidade e da mesma virtude da natureza das quais se seguem as outras coisas singulares” (EIIIPref). Então, para Spinoza, os afetos admitem causas precisas, que nos permitem compreendê-los (EIIIPref).

Os afetos são analisados por meio de definições, postulados, proposições, demonstrações, corolário e escólios, assim como Spinoza tem feito com as outras partes da *Ética*. Trataremos apenas, na medida do possível, daquilo que possa contribuir para o entendimento dos afetos transmitido por Spinoza. A relação mente e corpo, e o que se parte de suas naturezas é mais bem desenvolvida na EIII, de que se trata os afetos.

Ademais, “a ordem das ações e das paixões de nosso corpo é simultânea, em natureza, à ordem das ações e das paixões da mente” (EIIIP2S), quer dizer, não há

determinação entre mente e corpo, como já compreendemos. Por esse motivo, Spinoza diz que, ao contrário do que se pensa, não é pelo livre decreto da mente que o corpo faz certas coisas, como “um homem embriagado também acredita que é pela livre decisão de sua mente que fala aquilo sobre o qual, mais tarde, já sóbrio, preferiria ter calado” (EIIP2S). Portanto,

Se a experiência, entretanto, não mostrasse aos homens que fazemos muitas coisas das quais, depois, nos arrependemos, e que, freqüentemente, quando somos afligidos por afetos opostos, percebemos o que é melhor, mas fazemos o que é pior, nada os impediria de acreditar que fazemos tudo livremente (EIIP2S).

A simultaneidade entre mente e corpo confere que a decisão da mente e o apetite e determinação do corpo são coisas simultâneas, explicadas pelos seus atributos, Pensamento e Extensão (EIIP2S). Assim, a potência da mente e do corpo, no que concerne ao *conatus* humano de perseverar na existência, para buscar os bons encontros, nunca cessa, e durante toda a sua existência, o ser humano se esforçará, tanto para manter os afetos ativos, quanto para evitar os afetos passivos. O seu percurso se inicia no nível do conhecimento inadequado e continua nos outros gêneros de conhecimento, pois não há uma passagem permanente para os outros graus de conhecimento, se fosse assim, seríamos sempre ativos durante toda a vida, o que segundo Spinoza é impossível, pois já somos determinados na natureza.

Em se tratando de uma epistemologia spinozana na *Ética*, apresentam-se sistematicamente explicados na EIIP40S três gêneros de conhecimento: imaginação, razão e intuição. O primeiro gênero, é esse de que estamos tratando: das afecções, das ideias inadequadas ou imaginação, ou seja, “a afecção de nosso corpo é apenas uma imagem corporal, e a ideia de afecção, tal como ela está em nossa [mente], é uma ideia inadequada ou uma imaginação” (DELEUZE, 2017, p. 242).

Nesse nível de conhecimento inadequado, estamos sujeitos a sofrer um efeito dos corpos exteriores sobre o nosso, em que o nosso grau de agir e de pensar torna-se variável, ou seja, a qualquer momento, a nossa potência de ser e de existir pode ser aumentada ou diminuída ou mesmo ficar neutra, de acordo com as afecções e as ideias delas que nos afetam simultaneamente.

Mas, por que Spinoza trata da imaginação como um dos gêneros de conhecimento? É devido ao fato de que a imaginação envolve a memória da mente, cuja mesma possibilita a conexão das ideias que envolvem o corpo humano e os corpos exteriores. Uma vez que, a mente percebe as afecções do corpo, ela considerará o corpo afetante como existente em ato, até que o seu corpo seja afetado por outro afeto que exclua esse último (EIIP17). Nesse caso, em razão da mente reter na memória o efeito de uma afecção, ela pode considerar como presente, ainda que não esteja, o corpo exterior que afetou o seu corpo. Segundo Spinoza, “[...] quando a mente considera os corpos dessa maneira, diremos que ela imagina [...]” (EIIP17S).

Se “nós nos recordamos das coisas e delas formamos ideias semelhantes àquelas por meio das quais imaginamos as coisas [...]” (EIIP40S2), significa que a mente ao recordar das imagens, pode formar certas noções que utilizamos “para explicar a natureza das coisas, tais como as de bem, mal, ordenação, confusão, calor, frio, beleza, feiura, e etc” (EIApen). Assim, “a mente esforça-se, tanto quanto pode, por imaginar aquelas coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo” (EIIP12), da mesma maneira que, “quando a mente imagina aquelas coisas que diminuem ou refreiam a potência de agir do corpo, ela se esforça, tanto quanto pode, por se recordar de coisas que excluam a existência das primeiras (EIIP13).” Na imaginação, “somos afetados por um afeto que envolve a natureza de nosso corpo e a natureza de um corpo exterior” (EIIP56Dem).

Spinoza afirma que há diferentes espécies de afetos, ou seja, de alegrias, de tristezas e de desejos e do que designam destes três afetos primários, quanto são objetos que nos afetam (EIIP56). Para o autor da *Ética*, não importa explicar as diferentes espécies de afetos, pois basta “compreender as propriedades comuns dos afetos e da mente para que possamos determinar qual e quão grande é a potência da mente na regulação e no refreio dos afetos” (EIIP56S). Por um lado, a temperança, a sobriedade e a castidade, segundo as quais, não são afetos ou paixões, manifestam a potência de ânimo que regula os afetos de gula, embriaguez e luxúria (EIIP56S).

Segundo Deleuze (2009) quer a potência aumente ou quer ela diminua permanecemos na paixão. Isto se explica, pelo fato de não sermos causas de nossos próprios afetos e de nossas próprias ideias, com isso, estamos dependentes do acaso dos

encontros, em que necessariamente, acontece uma variação contínua de aumento e de diminuição da nossa potência de ser e de existir. Às vezes nos aproximamos dela quando somos afetados positivamente por um afeto de alegria, e ao contrário, nos afastamos quando somos afetados negativamente por um afeto de tristeza, ao mesmo tempo que temos as ideias desses afetos. De acordo com Deleuze (2009), nessa acepção, ainda não temos a nossa potência de agir, isto é, apenas somos causas parciais. Lemos:

[...] Neste caso, quando minha potência de agir aumenta, isto quer dizer que estou relativamente menos separado, e inversamente; mas eu estou separado formalmente de minha potência de agir, eu não a possuo. Em outros termos, eu não sou causa de meus próprios afetos, e visto que eu não sou a causa de meus próprios afetos, eles são produzidos em mim por outra coisa: eu sou, portanto, passivo, eu estou no mundo da paixão. (DELEUZE, 2009, p. 49).

Desse modo, “a alegria ainda é uma paixão, visto que tem uma causa exterior; permanecemos ainda separados de nossa potência de agir” (DELEUZE, 2009, p. 34). Assim, quanto mais paixões alegres o ser humano tiver, mais chances ele terá de conquistar sua potência de agir, com isso, alcançaremos alegrias ativas (DELEUZE, 2009). Mas, acumular as paixões alegres, segundo Deleuze (2002), não é suficiente, assim “a potência racional se produz para ajudar as paixões alegres contra as tristes” ((ROCHA, 2007, p. 90). 2007, p.90).

A razão, que é o segundo gênero de conhecimento, tem como base as noções comuns³³⁹, daquilo que existe igualmente na parte e no todo (EIP37). Refere-se à compreensão das relações de conveniências e inconveniências, daquilo que se compõe com o nosso corpo e daquilo que se decompõe com ele.

Trata-se, portanto, do exercício do devir da razão “é necessário saber fazer encontros que nos convém” (DELEUZE, 2009, p.55). Então, “ser racional, livre, etc. têm algum sentido, isto só pode ser resultado de um devir” (DELEUZE, 2009, p. 180). A razão organizará os encontros, daquilo que nos convém, seja as paixões alegres e daquilo que não nos convém, seja as paixões tristes. É conceber as noções comuns de composição e decomposição das relações, é saber, por exemplo, que no encontro do arsênio com o nosso corpo, ocorrerá a decomposição do mesmo, chegando até a sua

³³⁹ De acordo com Deleuze, “uma ideia noção não concerne mais ao efeito de um outro sobre o meu, é uma ideia que concerne e que tem por objeto a conveniência e a desconveniência das relações características entre dois corpos”. (Id, 2009, p.50).

morte. E ainda, é por meio da razão que surge o processo de formação de ideias adequadas, quer dizer, o ser humano pode ser causa adequada de suas próprias ideias e ações.

O terceiro gênero de conhecimento é a intuição. De acordo com Deleuze (2009), a intuição vai além das relações de suas composições e decomposições, pois ela surge a partir “da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus” (EIP40S2). O que significa dizer que, esse conhecimento alcança as essências das coisas singulares. Essência da qual depende as relações, visto que, ela é a potência do homem de ser e perseverar na existência. A essência das coisas está em Deus e tudo o que existe exprime a natureza de Deus, ou seja, exprime a sua essência de uma maneira definida e determinada (EIP36Dem). A essência tem seu grau de potência, é a variação de nosso *conatus*, ora aumenta, ora diminui, assim, “o conhecimento do terceiro gênero é o conhecimento que este grau de potência toma de si mesmo e toma de outros graus de potência” (DELEUZE, 2009, p. 249). Pois, “é preciso acrescentar que os fundamentos da razão são noções que explicam o que é comum a todas as coisas e que não explicam a essência de nenhuma coisa singular” (EIP45Dem2).

Por outro lado, no primeiro gênero de conhecimento temos todas aquelas ideias que são inadequadas, como consequência, esse conhecimento é a única causa da falsidade. Enquanto no segundo e no terceiro gênero de conhecimento, temos aquelas ideias que são adequadas, logo, os dois são necessariamente verdadeiros (EIP41). Procede-se que a razão e a intuição nos ensinam a distinguir o verdadeiro do falso, pois se conhecemos por meio do segundo e do terceiro gênero temos uma ideia adequada do verdadeiro e do falso (EIP42Dem).

É conforme Spinoza nos diz, “É da natureza da razão perceber as coisas verdadeiramente, ou seja (pelo ax. 6 da P. 1), como elas são em si mesmas, isto é (pela prop. 29 da P. 1), não como contingentes, mas como necessárias” (EIP44Dem). Pois, “essa necessidade das coisas é a própria necessidade da natureza eterna de Deus” (EIP44Dem), em vista disso, a razão percebe as coisas sob uma certa perspectiva de eternidade (EIP44C2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos a oportunidade de desenvolver um breve conteúdo sobre a imanência e ontologia; a natureza humana: corpo e mente; a teoria dos afetos e os três gêneros de conhecimento: a imaginação, a razão e a intuição. Com a intenção de explicar a racionalidade na *Ética* spinozana e responder a duas perguntas postas no início: como podemos conceber as ideias adequadas para sermos causas adequadas, isto é, mais ativos? E como a racionalidade pode participar desse processo?

Consideramos que este conteúdo conseguiu trazer respostas significativas a essas questões, pois demonstramos que apesar do homem se encontrar dependente das causas exteriores, das quais o determina de certa maneira, diminuindo a sua potência de agir, contudo, pela sua potência racional pode conceber as ideias adequadas e conseqüentemente, ser causa adequada de suas ideias e ações. E assim, produzir afetos ativos de alegria.

Por isso que, Spinoza não postula o afastamento dos encontros, pois é por meio dos encontros que o homem pode produzir sua potência racional para conhecer adequadamente as coisas, isto é, apreender as causas das coisas, o que se compõe e decompõe numa relação e ainda, pela intuição conceber a essência das coisas singulares. Spinoza diz que “[...] a mente é tanto mais capaz de perceber mais coisas adequadamente quanto mais propriedades em comum com outros corpos tem o seu corpo” (EIIP39C). Isso significa que quanto mais o corpo e a mente são simultaneamente afetados, mais adquirem noções comuns.

Com as noções comuns compreendemos que o homem está determinado a agir pelas ideias adequadas e afetos alegres e a padecer pelas ideias inadequadas e afetos tristes. Por sua vez, o *conatus* “à medida que está referido apenas à mente, chama-se vontade; mas à medida que está referido simultaneamente à mente e ao corpo chama-se apetite [...]” (EIIIP9S). E o desejo “é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem” (EIIIP9S). Segundo Spinoza, o apetite ou desejo que é o mesmo, é “[...] a própria essência do homem enquanto determinada a agir de maneiras que contribuem para a sua conservação [...]”. Portanto, todo esforço da ética consiste em como produzir os bons

encontros, porque os bons encontros é que leva ao aumento da potência de agir do corpo e de pensar da mente.

Sendo assim, não nos entreguemos à servidão humana, a qual é a nossa própria impotência, pois, não obstante, temos o *conatus* para perseverar na existência, tanto para buscar bons encontros que aumentam nossa potência de agir, quanto para evitar os maus encontros que diminuem a nossa potência de agir. Spinoza afirma que a virtude humana é a sua própria potência de agir (EIIIP55S). Pois, o homem pensa (EIIA2) e a sua potência é a razão (EIVApén.Cap3). E a liberdade humana é realizada não por meio de sua vontade livre, mas através de sua potência.

Quanto mais causas e ideias adequadas, que é agir por si só, o homem conhece, mais livre ele será. Liberdade é não ser constrangido por outro, só Deus é livre como vimos, por um lado, quando o homem age com outro ele está sendo menos livre, pois age fundado nas ideias de outro e não nas suas próprias ideias. Mas quando ele age sozinho ele é mais livre. Podemos agir fundado em causas adequadas, sendo que Deus é causa de todas as coisas, então quanto mais o ser humano conhece Deus, mais livre será, e quanto mais livre, mais feliz o homem é, então a beatitude que é uma felicidade contínua é o amor intelectual a Deus, ou seja, é conhecer as causas como Deus as conhecem. Isto porque as ideias adequadas são as mesmas ideias que Deus tem, e que nós temos de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ROCHA, A. (2007). **Formação da razão na ética de Espinosa, segundo Deleuze.** *Cadernos Espinosanos*, (16), 89-100. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2007.89300>

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. **Espinosa: Uma Filosofia da Liberdade.** São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Logos).

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. (Vincennes 1978-1981). Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Eveline Barbosa de Castro, Hélio Rabello Cardoso Júnior, Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza: EdUECE, 2009. (Coleção Argentum Nostrum)

_____. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017. 432 p.

_____. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa**. Trad. Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

_____. **Ética**. Tradução bilíngue latim-português de Tomaz Tadeu. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2010.

RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.